

Escrevivências: (des)contentamentos e (des)agrados em quarto de despejo: Diário de uma favelada de carolina maria de jesus, 1960-2020

Jane Fátima Ribeiro da Motta¹

Volmir Cardoso Pereira²

Francisco Carlos Espíndola Gonzalez³



10.56238/rcsv14n2-032

RESUMO

Neste artigo apresentamos que o início da produção literária comercializável de Carolina Maria de Jesus deu-se a partir da publicação da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, em 1960. Este estudo tem por objetivo provocar reflexões, traçadas a partir de sua edição comemorativa (1960-2020); como pesquisa de cunho bibliográfico, com premissas da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais. Procuramos ampliar a visão sobre o contexto histórico-cultural econômico e social dos envolvidos diretamente na publicação, ou seja, da autora, do editor e da editora; além de outras abordagens sobre o contexto literário que envolveu esta escritora periférica e marginalizada. Para tanto, nos ancoramos nas colocações de CUNHA (2009); BRAGANÇA (2009); PERPÉTUA (2013 e 2020); BARCELLOS (2015); SANTOS (2018); NOAL (2019); LAJOLO (2020) e MEIHY (2020), dentre outros.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Estudos Culturais; Literatura Comparada; Quarto de Despejo: diário de uma favelada.

1 INTRODUÇÃO

A partir de premissas da Literatura Comparada, dos Estudos Culturais e do texto *A emergência da Cultura e da crítica cultural* (CUNHA, 2009), foram necessárias complementações acerca do período pré e pós lançamento do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus publicado em 1960, como investigar outras abordagens do contexto literário que envolve escritores, periféricos e marginalizados, ou não.

Foi preciso reler a Edição Popular com publicação de 1963, já tão manuseada por pesquisadores e ampliar a visão sobre o contexto histórico-cultural econômico e social dos envolvidos diretamente na publicação (autor, editor, editora); além de outras abordagens sobre o contexto literário

¹ Graduação em Artes Cênicas e Dança (2018), Bacharelada em Letras (2019-2024), Mestranda em Letras (PPGLetras/2023-2024), pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS.

² Graduação em Letras habilitação português/inglês pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2005), mestrado em Estudos de linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2007) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2014). Professor efetivo (TI) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, atua nos cursos de graduação em Letras, no Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) e no Mestrado Acadêmico em Letras da Unidade Universitária de Campo Grande, MS. É um dos líderes do grupo de pesquisa Literatura, História e Sociedade (CNPQ).

³ Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação Ciências e Letras de Ponta Porã (1990), Mestrado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (2002) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2012). Professor efetivo (TI) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS, atua nos cursos de graduação em Pedagogia, Turismo, Teatro e Dança, atuando principalmente nos seguintes temas: Didática, Arte-Educação e Educação Ambiental.

que envolveu a escritora periférica e marginalizada, porém, não foi reconhecida pela elite e críticos da época como produtores de cultura.

Carolina Maria de Jesus, escritora preta, nascida em Sacramento/MG, em 14/03/1914 e falecida em 13/02/1977, São Paulo/SP; mulher pobre, semialfabetizada e autodidata, descendente de escravizados, filha bastarda de pais e parentes analfabetos, mãe solo de três filhos, foi moradora da Favela do Canindé por um período de doze anos – de 1948 à 1960.

Catadora de resíduos sólidos recicláveis (papéis, papelão, vidro, ferro e outros), profissão atualmente conhecida pela sigla CRSR; forma pela qual buscava gerar renda para sobreviver com seus filhos enfrentando uma luta diária contra aparofobia, doenças, fome, racismo, violência verbal, física e moral, além de outras mazelas que são expostas em seu diário.

Situações as quais é uma condição vivencial em comunidades/favelas, nos bairros de baixa renda nas periferias das megalópoles. Especialmente o povo pobre e preto, o coletor de resíduos sólidos que transita nos grandes centros como invisíveis ou visíveis apenas para o escárnio, para reforçar a exclusão e/ou a prática do racismo, ocasionados por ativa minoria burguesa.

Ressaltamos que o livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, teve três publicações. Segundo Souza (2021, s.n.) com várias edições ao longo dos anos, a saber:

(i) JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960; (ii) JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2004 e (iii) JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2019.

Chegando à edição comemorativa lançada em 2020, que, em comparação com a edição de 1963, possibilitou nova visão do contexto histórico político; do processo da crítica atual com relação às produções literárias advindas das periferias e/ou marginalizadas em contraposição aos críticos elitistas da época do lançamento em 1960.

2 DESENVOLVIMENTO

Carolina Maria de Jesus tem o sentimento de pertencimento da escrita e de empoderamento a partir dela, pois sabe que é diferente, se reconhece e se posiciona como diferente. Está, e ao mesmo tempo não está na Favela do Canindé; seus pensamentos vagam por outras paragens enquanto lê os seus livros.

Destacamos que, a partir do lixo – resíduos sólidos recicláveis, ela encontrou não só como se alimentar fisicamente, mas alimentar seus sonhos enquanto escrevia seus próprios textos em cadernos de lá também recolhidos.

Ela acredita/sabe que sua estadia no Canindé é transitória, isto faz com que sua mente vague pelos seus contos, músicas, poesias, romances e textos teatrais. Mas, invariavelmente retorna aos

escritos do seu diário e nele, a vida nua e crua é depositada, a rotina esmagadora é relatada, os caraminguás contados, a solidão revelada e a necessidade de prover é imperiosa.

Em seu entendimento, ela precisa e “[...] vai traçar, de forma recorrente, sua autoimagem de poeta, segundo imagina suas qualidades: o poeta é engajado politicamente, nacionalista, possuidor de uma missão social, que luta assumidamente ao lado dos fracos e oprimidos” (PERPÉTUA, 2013, p. 44).

Na edição de 2020 de Quarto de Despejo, o reconhecimento e a evidência em sua apresentação dos “60 anos de um clássico”, escrita pelos editores, nos coloca que:

O livro relata a amarga realidade dos favelados na década de 1950: os costumes de seus habitantes, a violência, a miséria, a fome e as dificuldades para se obter comida. O tempo passou, a cidade cresceu, mas a realidade de quem vive na miséria não mudou muito. Isso faz do relato de Carolina uma obra atemporal, sempre emocionante (JESUS, 2020, p. 7).

Nesta edição, encontramos a seção de Fortuna Crítica que contém alguns textos de críticos, historiadores e jornalistas, além do texto de Audálio Dantas – editor da primeira versão do livro; publicados entre 1962 e 2020, sobre esta obra de Carolina Maria de Jesus.

Estes textos possibilitam que tracemos um panorama dos posicionamentos destes autores em relação a obra e sua autora. No teor, em elaborações que transitam entre informativas e esclarecedoras, políticas e acadêmicas literárias, além de substancialmente analíticos das situações narradas por Carolina em seu diário.

A seção de Fortuna Crítica apresenta apenas oito textos escritos por: Alberto Moravia em 1962; Otto Lara Resende em 1977; Carlos Vogt em 1983; Audálio Dantas em 1993; Marisa Lajolo em 1995; José Carlos Sebe Bom Meihy em 1998; Elzira Divina Perpétua em 2014 e Fernanda Miranda em 2020.

Cada um desses autores traz a essência de Carolina autora-personagem-narradora por uma vertente, mas em todas encontramos a Carolina “a de papel e tinta, e a de carne e osso” (LAJOLO, 2020, p. 208). Estes textos desvelam Carolina com suas expectativas, desassossegos, alegrias, frustrações, sonhos e realidade em meio a um período conturbado na política, desafiador na sociedade, canônico/acachapante na academia e avassalador vivencialmente.

Nesta publicação do Quarto de Despejo, de 2020, encontramos motivos mais que suficientes para uma reflexão aprofundada, tanto sobre Carolina quanto sobre suas obras. Pode-se afirmar que nesta publicação encontramos vários enfoques sobre os motivos que levaram Carolina Maria de Jesus a sonhar, destacando-se a projeção de ascensão social, a partir da elaboração de um projeto de vida – ser uma escritora nacionalmente reconhecida, utilizando de suas escrevivências, ganhando destaque no espaço de editoração comercial e no espaço midiático através da literatura.

Antes do início da transcrição fiel do diário é apresentado o seguinte texto:

Advertência aos Leitores A presente edição acrescentou novas notas de rodapé ao texto do diário, além de atualizar as da 10ª. Edição de 2014. O uso de reticências entre colchetes, recorrente ao longo do diário, indica trechos suprimidos por Audálio Dantas. Por fim, esta edição respeita fielmente a linguagem da autora, que muitas vezes contraria a gramática, incluindo a grafia e a acentuação das palavras, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo (JESUS, 2020, p 16).

Esta advertência vem a contrapelo das colocações feitas por Audálio Dantas no prefácio/apresentação na Edição de 1963: “[...] O livro, pela sua autenticidade e contundência, não incentivava o palavrório” (JESUS, 1960, p. 4). E, até mesmo, dele próprio, pois na Edição comemorativa (1960-2020) diz: “A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos” (DANTAS, 2020, p 201).

A partir do lançamento do livro, em 1960, foi imposto à Carolina Maria de Jesus, a pecha de escritora favelada que fora *descoberta* pelo repórter Audálio Dantas, porém, segundo Barcellos (2015, p. 26), em “1940. Em 25 de fevereiro, a foto de Carolina Maria de Jesus, junto com o poema ‘O colono e o fazendeiro’ são publicados no jornal *Folha da Manhã*, ao lado do jornalista Willy Aureli” com o título “Carolina Maria, poetiza preta”.

Posteriormente, e segundo Farias (2017, p. 115): “é com surpresa que vamos encontrá-la morando na cidade carioca, por uma notícia de um dos jornais que por lá circulava”, em “9 de janeiro de 1942, Carolina Maria de Jesus diz, em visita à redação, que mora no Rio de Janeiro há algum tempo, onde tem trabalhado como cozinheira”.

As referências acima ocorreram no jornal “A Noite” onde “[...] A matéria desse jornal é um dado novo à biografia de Carolina Maria de Jesus, desconhecida dos seus biógrafos e mesmo de sua família”. Nesta mesma reportagem “ela também já anunciava a intenção de publicar o seu livro ‘Clíris’, de poesias, como já havia anunciado na imprensa do Rio de Janeiro” (FARIAS, 2017, p 180).

A seguir, em “1950. Publicação do poema de Carolina Maria de Jesus em louvor a Getúlio Vargas no jornal *O Defensor*.” (BARCELLOS, 2015, p 26). Ou seja, “Na cidade de São Paulo, especialmente, Carolina conseguia acesso às redações de jornais e rádios, sem muitas dificuldades, apoiada ou recomendada por indicações, no geral, políticas” (FARIAS, 2017, p 179).

Carolina já havia sido *descoberta* vinte anos antes de conhecer Audálio Dantas, pelo que era inicialmente seu sonho e projeto de vida, tornar-se uma poetisa reconhecida nacionalmente, então, a Audálio Dantas coube apenas o papel de apresentar Carolina Maria de Jesus como escritora em prosa.

Assim sendo, “no dia 9 de maio de 1958, [...] Na reportagem que publicou na ‘Folha da Noite’, Audálio Dantas explorou muito bem a sua personagem: ‘Catadora de papel, passa fome com filhos pequenos, no barraco infecto, mas sabe ‘ver’ além da lama do terreiro e do zinco da favela...’”.

Segue-se então que “ele deixou bem claro que começava ali projeto de projeção da personalidade da ‘catadora de papel’”. (FARIAS, 2017, p. 188).

Audálio Dantas, escritor e poeta, nasceu em 1932 no agreste de Alagoas e se encaminhou para a área do jornalismo na década de 1950, portanto, com vinte e dois anos apenas e de forma acidental. Em 1954, Audálio Dantas se inicia como *revelador* (quem revela as fotos feitas por um fotógrafo) de Luigi Manprim, no jornal Folha da Manhã (SANTOS et al. 2018, p. 4). Manprim era pintor e fotógrafo italiano, radicado em São Paulo em 1949, onde inicia sua produção como fotógrafo na Folha da Manhã, atualmente Folha de São Paulo, sendo que transferiu seu domicílio para o Rio de Janeiro, no ano seguinte (LUIGI, 2023, s.n.)

Pouco tempo depois, amplia seus horizontes acompanhando repórteres e iniciando sua escrita. Em 1959, com total apoio e tendo seu perfil moldado pela direção da Folha de São Paulo, sendo apresentado como destaque entre os colegas de profissão. Ele decide que “Tempo de Reportagem: Carolina Maria de Jesus, a personagem-escritora”, seria a sua reportagem mais importante (SANTOS et al., 2018, p. 4).

Audálio Dantas, homem branco de classe média, casado, com profissão respeitável, com conhecimento e acesso aos meios da produção literária, encontra nos diários de Carolina Maria de Jesus um filão inesgotável para as suas reportagens de destaque.

A publicação causou comoções, exaltou preconceitos, emocionou leitores, alavancou a carreira, podendo assim, atingir não só seus objetivos pessoais, mas também o da empresa que investiu nele: [...] *Em resumo, os diários de Carolina Maria de Jesus viraram livro de repercussão internacional, intitulado ‘Quarto de Despejo’, e se transformando em um documento muito importante que relatava uma realidade social ignorada por muitos* (SANTOS et al., 2018, p. 6).

Para entendermos a visão que Audálio Dantas tinha sobre publicações de reportagens, levando os mesmos procedimentos para a editoração do livro Quarto de Despejo, informações básicas sobre jornalismo se fazem necessárias. Entretanto, o enfoque teórico da pesquisa realizada por Santos e seus pares, diz “ser possível se pensar o jornalismo além do cotidiano informativo das redações dos jornais tradicionais”, também “explica a metáfora da estrela de sete pontas, criada por Felipe Pena” (COMUNICAÇÃO, 2010, s.n.).

Entendendo que nesta linguagem, *lead* significa o primeiro parágrafo do texto, ou seja, sua função é apresentar as respostas principais ao contar a história toda, de forma curta; “evitar os definidores primários”, significa que a Teoria dos Definidores Primários “tem sua análise centrada no poder de que as fontes privilegiadas têm na construção das notícias” (COMUNICAÇÃO, 2010, s.n.). Assim, Audálio passa a ser uma fonte primária e administra desta forma o que e como deve ser publicado.

Agora podemos entender que esta estrela de sete pontas consiste em sete procedimentos: “potencializar os recursos do jornalismo; ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano; proporcionar uma visão ampla da realidade; exercer a cidadania; romper com as correntes do *lead*; evitar os definidores primários e perenidade” (COMUNICAÇÃO, 2010, s.n.).

Ainda segundo Santos *et al.* (2018, p. 3), “a escolha da pauta, passando pela apuração, edição, redação, revisão até a finalização das etapas da produção jornalística” é que transformaram Audálio Dantas na ‘fonte – definidor primário’ da editora, pois a ele coube praticar esta série de ações a partir dos cadernos pegos com Carolina e portanto, também coube a ele negociar com a editora toda sorte de procedimento necessário no fechamento do contrato de publicação.

Por esta visão, nos processos de edição e revisão ficou a critério de Audálio Dantas determinar o que seria importante manter ou cortar da escrita original: “O implica dizer que matéria jornalística-literária já nasce para ser o que é. Ela é um produto deliberado de um projeto profissional do autor e do seu compromisso social com a notícia” (SANTOS *et al.* 2018, p. 3).

Neste sentido, a atuação de Audálio Dantas como editor dos escritos dos diários de Carolina, transformando-os conhecidamente como autobiográficos (para outros estudiosos - memorialísticos e/ou auto ficcional) torna-os um produto inovador. Segundo Perpétua (2013, p. 1), esta composição literária - diário/autobiográfico, estava ligado somente “à vida de personagens cujo perfil compunha um tipo de sujeito que refletira, até então, o modelo ocidental – homem, branco, burguês – com nome e/ou atos dignos de ser divulgados”.

Portanto, convém lembrar que neste empreendimento de Audálio Dantas, Carolina Maria de Jesus ao entregar seus escritos passa a ser a ‘fonte-definidor primário’ de Audálio Dantas, porém, a ela não coube definir o que seria publicado, como deveria ser esta abordagem, ou mesmo quais alterações Audálio poderia fazer. Ficou tudo a cargo de Audálio Dantas decidir, inclusive onde-como-quando seria o lançamento do livro ou mesmo, quando quanto e como ela receberia.

Observando que em Quarto de Despejo não há registro sobre isto, mas tem o relato do dia da assinatura do contrato: “Em seguida chegaram outros canais de televisão, que filmaram Carolina assinando solenemente o contrato de cessão de direitos autorais à editora” (FARIAS, 2017, p. 200). Vale destacar que há também o complemento sobre o pagamento pela cessão de direitos.

A Livraria entregou a Audálio Dantas que repassou a Carolina, assim escrito: “O Sr. Lélcio de Castro Andrade deu 2 mil cruzeiros ao repórter para dar-me.” Em seguida estão os apontamentos do ganho deste dia: “11,00 de ferro velho 10,00 de um freguês da livraria-editora 20,00 do repórter da “Última Hora” 500,00 do pai da Vera 2000,00 do Senhor Lélcio 2552,00 – total” (FARIAS, 2017, p. 202).

Em 1962, Alberto Moravia (2020, p. 182), ao discorrer sobre Carolina Maria de Jesus e sua obra em destaque preconiza que: “Nos encontramos, portanto, diante de um testemunho autêntico da mais humilde entre todas as formas de existência [...], mas seu diário tem decerto um tema existencialista: o da sobrevivência nua e crua”. E sua comparação faz com que as reflexões acerca deste período de escrita sejam profundas:

A favela é um lugar de degradação, promiscuidade e ignorância. Por isso, é ainda mais extraordinário que ali tenha brotado a flor improvável e pura deste Quarto de despejo, diário de Carolina Maria de Jesus, ela mesma favelada, de pele negra, mãe sem marido de três filhos, catadora de profissão. Na Índia, o trabalho exercido por Carolina era confiado em outros tempos exclusivamente aos párias, ou seja, aos intocáveis: no Brasil, as castas nunca existiram, mas Carolina nos conta, em diversos trechos de seu diário, como sua presença inspirava aos brasileiros abastados a mesma repugnância que os membros das castas superiores indianas sentem pelos párias (MORAVIA, 2020, p. 182).

Otto Lara Resende, em 1977, após a morte de Carolina, escreve: “Audálio Dantas descobriu-a muito antes que o Sindicato de Jornalistas descobrisse em São Paulo a equilibrada liderança de Audálio Dantas, exemplo para todo o Brasil” (RESENDE, 2020, p. 188), pois tornou-se Presidente do Sindicato dos Jornalistas apenas em 1975:

No ano de 1978, Audálio disputou um espaço na Câmara Federal pelo estado de São Paulo, elegeu-se e foi considerado o melhor e um dos dez mais influentes deputados do Brasil. Durante anos posteriores, o jornalista deixou de ser presidente do Sindicato e tornou-se presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e da Imprensa Oficial de São Paulo. Além disso, também foi conselheiro-curador da Fundação Cásper Líbero e da Fundação Ulysses Guimarães, como participou de inúmeros congressos, seminários, conferências, palestras e debates [...] Audálio recebeu também muitas homenagens, como os prêmios Kenneth David Kaunda de Humanismo da Organização das Nações Unidas (ONU); Intelectual do Ano com o Troféu Juca Pato; Jabuti em sua 55ª edição; e, além de tudo, o Troféu da Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA), (SANTOS et al, 2018, p. 5).

Audálio Dantas teve reconhecimento a partir da editoração de Quarto de Despejo, mas, em contra partida, inicialmente, Carolina Maria de Jesus que vê em Audálio a possibilidade e cria a expectativa de ter seus poemas publicados: “O caso Audálio Dantas vem apenas corroborar a premissa de que ela viu nele, não mais um profissional que a podia ajudar a alcançar os seus propósitos literários, mas o cara que podia, certamente, colocar o seu projeto de vida de pé” (FARIAS, 2017, p 183).

Porém, como nos apresenta o texto de Cunha (2009, p. 2): “[...] *Para Nietzsche, a cada momento da história, o que é dominante fixa um ritual, ou seja, um conjunto de obrigações, direitos, marcas e regras, destinado a assegurar uma atribuição de sentido e valor.*”, mas, os valores e expectativas de Audálio eram diferentes das expectativas de Carolina. Desta maneira, Audálio Dantas não se interessa pelos poemas, mas sim, pelas *escrevivências* de Carolina Maria de Jesus em forma de diário, imprimindo nelas sua visão literária através dos cortes, ajustes, substituições e/ou excertos pela ótica do jornalista.

Carolina tinha por desejo publicar contos, poemas e novelas, transportando-se para distante das suas escrevivências da favela, pois preocupava-se com questões estéticas. Para Perpétua (JESUS, 2020, p. 235), as divergências entre Carolina e Audálio são expressas da seguinte maneira:

[...] Para ela, o diário era pornográfico, no sentido de conter temas nada relevantes sobre a favela do Canindé – a fome, as brigas, a sujeira, o alcoolismo, o abandono social. No registro de seu cotidiano de catadora de material descartável, a trapeira fornecia um retrato daquela parte da cidade que nunca tinha sido registrado sob aquele ângulo. Para Audálio Dantas, ao contrário, era exatamente isso o que importava, porque havia no discorrer dos temas a expressão estética que causava o inesperado impacto ao leitor.

Sem poder decidir o que seria publicado, a vontade primeira de Carolina – publicar poemas, é colocada de lado, dando espaço para que, Audálio Dantas colocando-se como detentor do poder, decida o que será publicado. Em pose dos manuscritos de Carolina, após fazer os ajustes devidos, segundo sua visão jornalística, escreve um prefácio.

*Audálio Dantas os leva a Lélcio Castro Andrade e Paulo Dantas (FARIAS, 2017, p. 199), iniciando assim as negociações para publicação de *Quarto de despejo*. Para Lajolo (2020, p. 208), é desta forma que se inicia o relacionamento de Carolina Maria de Jesus com a conceituada Livraria e Editora Francisco Alves:*

Construção da mídia, na soleira da modernização acelerada da indústria cultural brasileira, as duas Carolinas – a de papel e tinta e a de carne e osso – foram devoradas pela mesma máquina que as engendrara; ritual de devoração que transcorre sob os olhos e ouvidos cúmplices da esquerda, direita e da academia. Todos traziam pronto o script que gostariam que a Carolina de carne e osso protagonizasse. Mas o roteiro de encomenda esbarrava na rebeldia daquela negra que, parecendo não conhecer seu lugar, não aceitou nenhum dos papéis que lhe reservava o mundo da cultura letrada branca e os devolveu na mesma moeda; no troco, as contradições não exorcizadas nem o balanço da bossa e nem tampouco nas violadas no auditório.

Carolina Maria de Jesus, procurou à sua maneira e dentro de suas limitações manter-se insubmissa, indisciplinada, irredutível, sendo até teimosa em algumas situações; porém, tal atitude, às vezes, lhe pareceram necessárias, para manter-se fiel aos seus propósitos e as suas crenças. Observa-se que Carolina acabou sendo tragada por um meio que desconhecia – as Editoras e seu processo de publicação. Despreparada, acabou sem saber como lidar com a ascensão literária, que aconteceu de forma meteórica.

*Com base em Bragança (2009, p. VII-X), A Livraria Francisco Alves – Editôra Paulo de Azevedo Ltda, responsável pela publicação de *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada, fundada no Rio de Janeiro/RJ pelo imigrante português Nicolau Antônio Alves em 15 de agosto de 1854 como Livraria Clássica. Dedicava-se inicialmente a atender a Corte e ao seu público escolar, tornando-se posteriormente “uma livraria-editora de livros didáticos” vindo a converter-se, tempos depois, na “maior livraria-editora do país”.*

Transformou-se na sociedade Alves & Cia e, em 1894 abriu uma filial em São Paulo/SP. Francisco Alves “assumiu a plena propriedade da empresa que dirigia em 13 de setembro de 1897”. Adquire e incorpora diversas concorrentes:

Foram incorporadas à empresa, em diversas épocas, ora totalmente, ora por compra dos estoques, propriedades literárias e contratos, entre outras, as seguintes casas: Viúva Azevedo, Lopes da Cunha, Empresa Literária Fluminense, Laemmert, etc., no Rio de Janeiro; Falconi e Livraria Editora, em S. Paulo; Aillaud, em Paris; Bertrand, a Editora e Biblioteca de Instrução Profissional, em Portugal. Ao todo, reunia dez casas às suas três principais. Com a compra do estoque da Laemmert, foi parar nas mãos de Alves a primeira edição de Os Sertões de Euclides da Cunha. (BRAGANÇA, 2019, p. VIII).

Ainda segundo o autor op cit, em Belo Horizonte teve uma filial inaugurada em 1910 e várias livrarias-papelarias foram credenciadas como depositárias em diversas cidades brasileiras, publicou obras de escritores “como Olavo Bilac, Raul Pompeia e Euclides da Cunha, e de estrangeiros, como Edmond de Amicis e Carlos Malheiro Dias”. Necessário se faz salientar que: “A atuação de Francisco Alves como editor foi muito relevante para a profissionalização do escritor no país” (BRAGANÇA, 2019, p. XVI)

Convém destacar que neste contexto, que ao falecer ele deixou parte de “[...] sua fortuna para a Academia Brasileira de Letras. Exigiu da Academia que promovesse concursos, [...] para premiar os vencedores das monografias que oferecessem as contribuições mais originais para o desenvolvimento do ensino e da língua portuguesa no país” (BRAGANÇA, 2019, p. XVIII).

Foi sucedido com muito êxito por Paulo de Azevedo que faleceu em 1946, deixando os filhos Ivo e Ademar “que admitiram como sócios Álvaro Ferreira de Almeida, Raul da Silva Passos e Lélío de Castro Andrade”. A princípio, até a direção de Paulo de Azevedo que praticava a mesma linha de trabalho de Francisco Alves:

O contrato de cessão de direitos autorais estabelece que cabe ao editor pagar as despesas materiais da produção do livro: papel, impressão e acabamento (brochuras, encadernações ou cartonagens). Os lucros serão divididos, após o pagamento dessas despesas, mensalmente, 50% para o editor e 50% para o autor [...]. (BRAGANÇA, 2009, p. XII).

Em Quarto de Despejo, existem várias passagens que relatam os ganhos e gastos de Carolina, assim como várias passagens onde ela reporta as idas a Editora em busca de dinheiro, especialmente quando caiu no ostracismo. Apesar de todas as controvérsias, divergências e até discussões acaloradas entre Audálio e Carolina, ocorridas ao longo dos dois anos que antecederam a publicação entre 1958 e 1960; trechos do diário são publicados no jornal da Folha da Manhã e na Revista Cruzeiro, o que aplacava momentaneamente os surtos de ira de Carolina, pela demora na publicação do livro.

Da saída de Sacramento/MG, em 1923 – local onde nasceu e onde residiam inúmeros negros que sentiam a reverberação do período escravagista, até a chegada a São Paulo/SP em 1937, para Carolina Maria de Jesus, foram longos anos de via-sacra interminável. Esta mulher labutou nos mais diversos campos de afazeres e tipos/locais diferentes de residências em: Uberaba/MG, Ribeirão Preto/SP, Sales Oliveira/SP, Jardinópolis/SP, Orlandia/SP, Franca/SP, São Paulo/SP (NOAL, 2019, p. 62-75). Vale destacar que a mesma também perpassou pelo Rio de Janeiro/RJ, retornando a São Paulo/SP (FARIAS, 2017, p. 112-117).

Perpétua (2013, p. 3) relata a concretude das ambiguidades do desenvolvimentismo na trajetória de Carolina, a quem chama de trapeira:

Egressa do interior tradicionalmente rural de Minas Gerais em busca de melhores oportunidades na maior cidade da América do Sul, foi relegada à favela, sobrevivendo graças a um conjunto, sustentado pelo próprio sistema, de programas assistenciais precários do Estado e das igrejas e ao trabalho informal como trapeira pelas ruas de São Paulo, que ela soube transformar na matéria do diário. Sua história de vida, igual a tantas outras, dissolvida no anonimato da cidade grande, transformar-se-ia em matéria de destaque – escrita, publicada, divulgada e colocada ao alcance de um número considerável de leitores – graças à confluência de uma série de fatores que coexistiam naquele momento da história brasileira.

Os estudos de Meihy (2020, p. 222-223) amplia as informações e os reflexos das medidas desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, colocando-o como um presidente dinâmico, democrático, porém, controverso. Seus relatos dão conta da construção da capital da esperança – Brasília; da multinacionalização; da chegada de empresas estrangeiras; das mudanças culturais ligadas à música e aos esportes; das inovações no Ministério da Educação.

Segue explanando sobre o desenvolvimentismo vigente na época, sobre a movimentação em torno da Amazônia e das campanhas em sua defesa; o crescimento dos movimentos do “funcionalismo público e dos sindicalizados”, além dos “universitários e de camponeses” trazendo à tona “os movimentos sociais causados pela migração intensa” que, “contavam o drama de parcela marginalizada do progresso prometido”, colocando os pobres como “personagens presentes na vida nacional”.

Meihy apresenta um cenário global do período social e político colocando a escritora Carolina, favelada e língua de fogo como narradora simplória. E, assim, prossegue:

Motivados pelo cenário político, os erros dos projetos de governo apareciam na vida dos pobres urbanos. Carolina Maria de Jesus seria uma prova flagrante das atrocidades que mereciam vir a público naquele instante, pois a democracia implicava críticas que, àquela altura, eram históricas. Sua experiência favelada expunha ao coletivo uma chaga feia, atestado das falhas de projetos vigentes, de desenvolvimento econômico e programa social, encetados por governos federais em nome da modernização do país” (MEIHY, 2020, p. 222-223).

Miranda (2020, p. 245-251), em seu texto *Dicção e Devir em Carolina Maria de Jesus*, esta, “protagoniza um dos episódios mais intensos na história do silenciamento brasileiro, que sistematicamente tem ausentado mulheres negras da configuração do texto literário nacional”. O que nos leva a relembrar as colocações de Cunha (2009, p. 2):

A ‘cultura’ nos soa hoje como uma palavra de ordem tanto para os nossos investimentos intelectuais como para os programas políticos de resistência onde contestação, quando, ainda, para a agenda dos investimentos econômicos, quando a indústria cultural constitui uma das atividades mais rentáveis no mundo globalizado.

O silenciamento, no caso específico de Carolina Maria de Jesus, segundo Miranda (2020, p. 245), seria “Duplo silenciamento. Primeiro, porque ao se voltar à definição prévia de uma narrativa única para uma autora de expressão variada, manteve a maior parte de sua produção inédita. Segundo, porque estabeleceu um modo de captura para o diário [...] mantendo-o à margem do literário”. Vale destacar que estas colocações nos relembram que a escrita negra, periférica e feminina estava à margem do “sistema literário nacional – eurocêntrico por definição” até a metade do século XX.

Até então “[...] não havendo um imaginário social que concebesse a mulher negra como produtora de pensamento, e diante de uma produção literária transgressora, que produzia dissensos em torno da construção discursiva do progresso moderno”, via de regra: “a crítica muitas vezes optou por destacar do texto seus ‘erros’ de português e a condição ‘semianalfabeta’ da autora”.

Para Cunha (2009, p. 3), “embora em circunstâncias históricas e correlação de forças diversas – o empreendimento civilizacional iluminista, o Estado nacional moderno e, no último caso, as elites letradas” em certa medida, no caso da escrita de Carolina Maria de Jesus, “Contemporaneamente, a noção de cultura já não se encontra provida da segurança e da legitimidade que lhes atribuíram”, e por estas mesmas razões “a cultura, em nosso tempo, tornou-se especialmente o território da instabilidade, do conflito e da disputa”.

Neste sentido, as ponderações de Perpétua (2013, p. 1) vem nos esclarecer que:

Desde o aparecimento do gênero autobiográfico no Ocidente até os anos 1960, o interesse editorial em textos de memória vinculava-se à vida de personagens cujo perfil compunha um tipo de sujeito que refletira, até então, o modelo ocidental – homem, branco, burguês – com nome e/ou atos dignos de ser divulgados. Esta constatação levou Philippe Lejeune (1980, p. 229) a afirmar que ‘escrever e publicar o relato de sua própria vida tem sido há muito tempo [...] um privilégio reservado aos membros das classes dominantes’. O silêncio dos outros parece muito natural: a autobiografia não faz parte da cultura dos pobres,

Para Meihy (2020, p. 217-231) o “emblema do silêncio” denota o controle da manifestação das ideias expostas nas obras literárias, pelos “atos censores, institucionais e regulados pelos poderes estabelecidos por meio de policiamentos”, enquanto que “o silêncio público”, consagra “a rejeição

coletiva que é, afinal, sutilíssima, não escrita e pouco expressa”. O embate entre letrados e o povo que consumia a obra de Carolina Maria de Jesus, dada as circunstâncias nas quais o País se encontrava, expõe experiência democrática:

[...] Portanto, é no período que vai entre a superação do Estado Novo (1937-45) e a instalação da Ditadura Militar (1964) que se inscreve a experiência de Carolina Maria de Jesus depurada no Quarto de Despejo. [...] Em certa medida aquele era um momento em que a sociedade brasileira começava a se reconhecer como “moderna”. (MEIHY, 2020, p. 220).

Segundo Meihy op cit. em que pudesse haver um controle institucional, dois processos se encontravam: os movimentos da contracultura em convivência com o movimento democrático, onde, a política e a cultura acabam por promover “aberturas cabíveis tanto para demonstração de certas patologias urbanas individuais, pequeno-burguesas, como para as crises políticas de caráter social.

Observa-se neste contexto que, apesar de Carolina Maria de Jesus narrar a vida difícil de forma repetitiva e esmagadora, descrevendo como eram seus dias para além das provocações sofridas pelos vizinhos; de que eram feitos seus sonhos, suas aspirações e quais eram suas perspectivas; mesmo não se enquadrando na Favela no Canindé, porém, residindo num barraco desta Favela, suas escrevivências escancaram a necessidade dessa então minoria, os baixa renda. Carolina sabia-se potente, porém, também tinha noção que havia um distanciamento entre sua escrita e a considerada literatura comercializável.

Neste sentido Cunha (2009, p. 5) nos apresenta que havia a “contestação contemporânea ao confinamento da cultura ou do valor cultural à esfera letrada ou erudita, da equivalência entre cultura e artes canônicas, como a literatura, e da paralela separação entre cultura e o que Edward Said e Stuart Hill designaram como a ‘mundanidade’” (CUNHA, 2009 p. 5).

Ainda assim, batendo de porta em porta nas redações dos jornais, Carolina perseguiu seu projeto de vida, infiltrando-se na literatura:

As demandas do presente em torno da cultura emergem principalmente no interior da própria comunidade nacional enquanto expressão de vivências minoritárias – com a ressalva, indispensável, de que o uso da noção de ‘minorias’ aqui não tem significação quantitativa, pois são minoritários os segmentos da população alijados das estruturas e nas relações de poder, especialmente do poder legitimação de suas referências culturais – ou sua memória cultural – e, do poder de produzir auto-representações que conflitem a comunidade nacional imaginada. Muito embora – e talvez este seja o grande filão do que hoje se denomina ‘crítica cultural’ – sejam sempre ambíguos ou ambivalentes, nas suas estratégias de inclusão e de exclusão, os discursos da nacionalidade cultural (CUNHA, 2009, p. 4).

Ao longo dos textos da Fortuna Crítica publicada em Quarto de Despejo, edição comemorativa nos deparamos com várias comparações. No texto de Vogt (JESUS, 2020, p. 194) encontramos: “Alguém já comparou certas passagens mais líricas do diário de Carolina à singela beleza das Fioretti de São Francisco de Assis.” e mais a frente faz alusão “a parábola da Verdadeira

Alegria” de São Francisco de Assis, onde a pobreza é tida como “um fim e um ideal que se convertem num instrumento didático para a redenção do homem, de modo que a verdadeira alegria é sofrimento, o abandono e a fome”.

Desta forma, o autor op cit. liga a pobreza que Carolina descreve em seu diário como sendo “um estado real e concreto de carência, algo que os protagonistas do drama da miséria vivem como condição social e não como projeto de vida exemplar, a alegria é também muito mais palpável e toca diretamente os sentidos” (VOGT, 2020, p. 195).

Destacamos que Audálio Dantas (2020, p. 202), também fez comparações em seu texto:

O sucesso do livro – uma tosca, acabrunhante e até lírica narrativa do sofrimento do homem relegado à condição mais desesperada e humilhante de vida – foi também o sucesso pessoal de sua autora, transformada de um dia para outro numa patética Cinderela, saída do borralho do lixo para brilhar intensamente sob as luzes da cidade.

Lajolo (2020, p. 212) vai além quando cita “O paradigma de Carolina é outro e parece aproximá-la daquele chefe nhambiquara que surpreende Lévi-Straus por ter percebido o valor social da escrita antes de dominar-lhe a tecnologia”. Segue justificando que o valor dos livros e da escrita, para Carolina, “como fator de ascensão social” superava as promessas que ela fazia “a seus desafetos da favela” quando dizia que iria “registrar-lhes os males feitos no livro que escreve”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carolina, seu espaço literário negro ou seu negro literário espaço foi conquistado, com a publicação do livro em prosa, Quarto de Despejo: diário de uma favelada! Meteoricamente e contra todas as probabilidades, tornando-se referência para o proletariado – irritando a elite e a academia canônica, a partir das mãos de um homem branco. Transitou por salões da elite, deu entrevistas para jornais, revistas e programas de televisão, viajou para o exterior apresentando sua obra literária.

E ainda, mudou-se do barraco da Favela do Canindé para uma casa de alvenaria, lançou um Long Play com o mesmo nome do seu Best Seller – Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus cantando suas composições. Aventurou-se novamente a contar sobre sua nova vida em sua casa de alvenaria, obra a ser lida, estudada, refletida na Academia e sentida por todo aquele que tiver oportunidade de ter em mãos, uma outra história...

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Sérgio da Silva. **Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus.** - Sacramento, MG: Bertolucci Editora, 2015.

BRAGANÇA, Aníbal. A Francisco Alves há História do Livro: uma introdução. In: ____ MONIZ, Edmundo. **Francisco Alves de Oliveira: (livreiro e autor)** / Edmundo Moniz; notas bibliográficas por Oswaldo Melo Braga. Introdução por Aníbal Bragança – 2. ed. – Rio de Janeiro: ABL, 2009. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/publicacoes/francisco-alves-de-oliveira-livreiro-e-autor>>. Acesso em: 15 Mai. 2020.

COMUNICAÇÃO, Literatura e Jornalismo. **Teoria dos Definidores Primários.** 22nd April 2010. Disponível em <<http://literacomunicq.blogspot.com/2010/04/teoria-dos-definidores-primarios.html?q=como+citar+Teoria+dos+definidores+primarios>>. Acesso em: 22 Mai. 2023.

CUNHA, Eneida Leal. **A EMERGÊNCIA DA CULTURA e da Crítica cultural.** UFMS, *Caderno de Estudos Culturais, Literatura Comparada* hoje, v.1 n. 2, set de 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/2184>>. Acesso em: 02 Mai. 2023.

DANTAS, Audálio. **A atualidade do mundo de Carolina.** In: Quarto de despejo: diário de uma favelada: ilustração de No Martins – 1. ed. - São Paulo: Ática, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** Livraria Francisco Alves, Editora Paulo de Azevedo Ltda. 1963.

____ **Quarto de despejo: diário de uma favelada:** ilustração de No Martins – 1. ed. - São Paulo: Ática, 2020.

FARIAS, Tom. **Carolina, uma biografia.** Rio de Janeiro: Malê, 2017.

LAJOLO, Marisa. **A leitora no quarto dos fundos.** In: Quarto de despejo: diário de uma favelada: ilustração de No Martins – 1. ed. - São Paulo: Ática, 2020.

LUIGI, Mamprin. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itau Cultural, 2023. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoal15498/luigi-mamprin>>. Acesso em: 07 Jun. 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio.** In: Quarto de despejo: diário de uma favelada: ilustração de No Martins – 1. ed. - São Paulo: Ática, 2020.

MIRANDA, Fernanda. **Dicção e devir em Carolina Maria de Jesus.** In: Quarto de despejo: diário de uma favelada: ilustração de No Martins – 1. ed. - São Paulo: Ática, 2020.

NOAL, Sara Monique. **Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade. Carolina Maria de Jesus e o registro da experiência social dos trabalhadores pobres no Brasil (1920-1970).** 2019. (Dissertação Mestrado em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2019.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **Experiência Estética e Mídia Impressa: O caso Carolina de Jesus.** *Anais do SILEL*, Volume 3, Número 1m Uberlândia, EDUFU, 2013. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:hWIBXaoeSXgJ:www.ileel.ufu.br/anaisdo>>

silel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_3106.pdf&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 18 Jun. 2020.

___ **A proposta estética em Quarto de Despejo, de Carolina de Jesus.** *In:* Quarto de despejo: diário de uma favelada: ilustração de No Martins – 1. ed. - São Paulo: Ática, 2020.

SANTOS, Magnólia Rejane Andrade dos, *et al.* **Jornalismo Literário: o legado do repórter Audálio Dantas em foco.** Intercon – *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação* – XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Juazeiro – BA – 5 a 7/7/2018. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0737-1.pdf>>. Acesso: 22 Mai. 2023.

VOGT, Carlos. **Trabalho, pobreza e trabalho intelectual (o Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus)** *In:* Quarto de despejo: diário de uma favelada: ilustração de No Martins – 1. ed. - São Paulo: Ática, 2020.